

# ACADEMIA MILITAR

## Oração de Sapiência para a Abertura Solene 2017-2018

---

### A Estratégia da Coesão

Nuno Lemos Pires<sup>1</sup>

<https://academiamilitar.academia.edu/NunoPires>

### Introdução

Hagia Sofia. A Catedral (537-1453), a Mesquita (1453-1923), o Museu (1923 - ), essencialmente, um verdadeiro património da Humanidade. O nome diz tudo, *Hagia Sofia*, que se pode traduzir como “Santo Conhecimento” ou “Sagrada Sapiência”. É um espaço magnífico que se afirma, fundamentalmente, em homenagem à busca de mais e melhor, conhecimento, ou como foi dito na data da consagração, dedicada ao *Logos*. Construída no século VI na antiga Constantinopla (hoje Istambul), numa ponte entre a Europa e a Ásia, entre as grandes culturas, religiões, civilizações e ideais. Levou apenas cinco anos (532-537 d.C) a erguer porque a dedicação e a determinação foi coletiva. Levantou-se como uma das obras-primas da humanidade porque foi pensada com imenso cuidado (os arquitetos eram também cientistas, o médico Isidoro de Mileto e o matemático Antero de Traves), com vontade de preservar (foi a maior catedral do mundo por mais de 1000 anos até aparecer em 1500 a de Sevilha), resiliente no projeto (com a sua espantosa cúpula, ou Domo, exemplo maior da arquitetura bizantina), nos materiais (com tijolos contruídos de materiais naturais e revestidos a cerâmica). Durou, resistiu a quase quarenta terremotos e inúmeros conflitos e mantém-se magnífica, imponente, ecuménica, inter-religiosa, inter-civilizacional. Ninguém fica indiferente ao entrar neste magnânimo espaço, onde figuras cristãs e inscrições muçulmanas, convivem lado a lado, respeitando-se, complementado pela luz e harmonia de um

---

<sup>1</sup> Agradeço o debate de ideias, as sugestões e comentários, aos Senhores Professores Doutores António José Telo, José Fonte, Majores-Generais Vieira Borges, Ribeiro Braga, José Lourenço, do Coronel Tirocinado de Cavalaria Rui Ferreira e do Major de Engenharia João Correia.

espaço único. É coesa e simboliza coesão porque partiu de uma ideia partilhada, edificada em sãos princípios, denominada na sagração do conhecimento. Foi, e é, respeitada por todos e tem significado intemporal e global<sup>2</sup>.

A Hagia Sofia representa a coesão do projeto, da execução, do conhecimento, da tolerância, do encontro entre civilizações, culturas e religiões e é, ainda hoje, espaço de respeito e de esperança para o futuro. Fazendo um rápido salto para a atualidade, sabemos que um espaço desagregado, em qualquer ponto do mundo, é um terreno fértil para extremismos. Que na busca, cada vez mais premente, pela felicidade e bem-estar, podemos estar a comprometer formas de organização social e de desenvolvimento, para modelos sem controlo e sem consistência. Por isso é importante, de vez em quando, parar um pouco e contemplar obras “intemporais” da humanidade lembrando o que está por detrás de uma aparente construção. A imponência de Hagia Sofia mostra-nos, demonstra, que a coesão, como política, mas também como estratégia, face à aceleração de fenómenos dispersos e pouco estruturados, é uma das melhores respostas a crescentes fenómenos de desagregação.

É possível antever, nas próximas décadas, o crescimento de algumas das tipologias de ameaças e riscos que não tiveram grande relevância no passado. As ameaças e riscos podem ser classificadas em internas e externas, tangíveis e intangíveis. Incluem, entre outras, as clássicas que sempre acompanharam a humanidade, como as ameaças diretas entre Estados, o risco de calamidades naturais como erupções vulcânicas, terremotos, epidemias e pandemias ou as que se afirmaram no século XX, como a ameaça nuclear<sup>3</sup>, biológica, química, o terrorismo transnacional e os riscos associados à dependência dos recursos energéticos vitais. Temos, no entanto, ameaças e riscos mais emergentes, que passam pelas: alterações climáticas agravadas pelas pressões demográficas (provavelmente a maior que pende sobre a humanidade); pela decadência, dispersão e atomização do poder associado à desintegração social interna e externa; pela imprevisibilidade dos efeitos das novas tecnologias (com relevância para a biotecnologia e a inteligência artificial)<sup>4</sup>; até aos efeitos acrescidos de variadas narrativas radicais que são causa, entre outras, de crescentes fenómenos de terrorismo transnacional. Será sobre estas últimas que vamos dar o destaque: porque são ameaças e riscos que podem alterar o equilíbrio das respostas tradicionais, porque são de tipologia e intensidade diferente do passado, porque necessitam de novas políticas para as prevenir e de estratégias mais ousadas para se lhes opor.

Habitualmente, simplificam-se os objetivos dos Estados, ou mesmo da Humanidade, em construções de palavras que tentam resumir os grandes desejos políticos e os difíceis

---

<sup>2</sup> Para uma breve descrição do monumento ver (Instambul, 2017).

<sup>3</sup> Em especial a proliferação, a contra proliferação e o combate ao terrorismo nuclear, que traduzem as grandes alterações introduzidas em 2010 no NPR (Nuclear Posture Review) dos EUA.

<sup>4</sup> Também designados de GRIN Tech (Genetic, Robotic, Intelligence e Nano). No caso da IA também já se encontra a designação de IA Arms Race (corrida de armamentos IA).

equilíbrios que se procuram obter: Desenvolvimento, Bem-estar, Liberdade e Segurança; Direitos Universais, Respeito pela Indivíduo e garantia de Não Ingerência; Desafios Globais e Soberania Local; Solidariedade internacional e a busca pela Felicidade ou Vida Eterna<sup>5</sup>. Por outro lado, na esmagadora maioria dos Estados modernos e democráticos (no seu conceito europeu), deu-se quase como absoluta, a separação de poderes e o respeito por procedimentos através de diversos níveis de autoridade: Separação de Estado e Religião; a separação dos poderes Judicial, Executivo e Legislativo; A existência de patamares de autoridade política diferenciada e responsabilidades associadas aos níveis Internacional, dos Estados, do Poder Autônomo e do Local. Por fim, há alguns valores e princípios que parecem assumidos, na sua defesa, como universais: Subordinação das forças armadas ao poder político; A ciência ao serviço da humanidade; Sociedades organizadas sem classes, separações étnicas, religiosas ou outras; Governar em representação dos governados; Liberdade de expressão e acesso a uma educação base completa.

Mas embora possam parecer princípios e valores sociais absolutos, não são. Não são na realidade atual, nunca o foram em muitíssimas regiões do mundo e, para o futuro, continuará a haver inúmeros modelos, de propor e entender, ou outras formas, de pensar a política e de gerir a sociedade, que não partilham estes valores e princípios. O que se quer universal não o é por decreto.

A Estratégia da Coesão, que propomos, é uma tentativa de elencar possíveis mecanismos de resposta adaptados à relevância destas ameaças e riscos emergentes e, simultaneamente, que reflita (que assuma) uma nova forma de determinação política, em Estados que se afirmam modernos e democráticos. Porque, para haver estratégia, não basta responder a ameaças e riscos. É fundamental, também, entender a política que a determina. A estratégia responde à política e depende inteiramente do que a mesma persegue.

As estratégias, em geral, são essencialmente o produto resultante de dois fatores predominantes: (1) as ameaças e riscos que obrigam a uma ação e (2) a determinação política para se implementarem as respostas. São desenhadas atendendo, por um lado, à probabilidade, intensidade e gravidade das ameaças e riscos, perenes ou conjunturais, em conjunto ou isoladas, e, por outro, respeitam a orientação e a determinação da política definida pelos povos e pelas alianças de povos. É a política que define a ambição e possibilita a escolha de determinadas estratégias. Da política retira-se a vontade de prevenir, de agir, de reagir ou, simplesmente, de nada fazer, de se atuar sozinho ou em alianças, de querer ou não alocar recursos para possíveis respostas. A política limita âmbitos e objetivos, escolhe aliados, reconhece possíveis inimigos e dá, ou não, o tempo

---

<sup>5</sup> “A felicidade, e não a vida, como bem supremo” (Harari, 2017, p. 41) que, na visão de Damásio, não está a ser conseguida: “Curiosamente, ou talvez não, o nível de felicidade nas sociedades que mais beneficiam com os espantosos progressos do nosso tempo mantém-se estável ou em declínio” (Damásio, 2017, p. 291).

e os recursos, que se pensam necessários, para a escolha de estratégias exequíveis e aceites pela nação que a legitima.

Assim, as estratégias são e serão sempre condicionadas pela política inicial, pela política conjuntural e pelas alternidades recorrentes. Se a política muda, a estratégia tem de ser repensada ou, mesmo, radicalmente, alterada. A estratégia é uma ciência de escolha de meios e desenha-se, sempre, para prever oposição de vontades, em ambiente hostil e com obstáculos deliberados. Se não o fosse não era estratégia. A oposição de vontades, neste caso, também deve ser entendida tanto como direta ou como indireta, pois nem sempre se identifica claramente com quem, ou contra quem se lhe opõe, à vontade política dos Estados, ou seja, nos casos indiretos, percebe-se a oposição de vontade, mas não se consegue determinar exatamente, quem está por detrás da mesma.

Hoje e no futuro, resultado da globalização em que nos encontramos, a estratégia terá de ser desenhada, cada vez mais, tanto para a intencionalidade direta como para a consequência indireta de decisões que, mesmo que não visem diretamente determinados atores, possam colocar em perigo muitos dos outros. Para lá do peso, que algumas das ameaças e riscos comportam, também a política terá de ter em atenção as consequências indiretas de atores supranacionais ou sub-nacionais que colocam, de forma difusa e dispersa, graves desafios à segurança dos povos em geral ou de algumas nações em particular.

Propomos a Estratégia da Coesão. Apresentamos uma Estratégia dividida em quatro patamares (Local, Nacional, Internacional e Global: sendo que, em cada, apontamos formas de Prevenção, de Ação e de Consolidação) e desenvolvida em três dimensões (da Atitude, do Conhecimento e da Consciência). Pensamos ser uma estratégia possível num Estado de Direito, como é, por exemplo, o caso de Portugal, que poderá ser aplicada na esmagadora maioria dos Estados de Direito modernos, democráticos e desenvolvidos. Não propomos soluções universais porque, como se tentará demonstrar, esta será uma estratégia, apenas possível, quando alguns dos princípios e valores políticos, habitualmente considerados como universais, sejam verdadeiramente aceites e respeitados. Esta é uma Estratégia, apenas possível em Estados que cumprem e aceitam o legado europeu dos princípios que enunciámos anteriormente. Não é possível em ditaduras ou em Estados que não respeitam a soberania dos direitos individuais do Ser Humano. Só com uma matriz democrática, assente na representação dos governados por parte dos seus governantes e, sem abdicar dos direitos fundamentais de cada indivíduo, ou seja, na sua defesa intransigente, é que esta estratégia da coesão será possível de edificar.

## Das Ameaças e Riscos emergentes

Já tivemos possibilidade de escrever, e de apresentar, uma classificação possível sobre ameaças e riscos<sup>6</sup>. Em síntese, há ameaças e há riscos. Uma ameaça só o será se houver intencionalidade e os riscos são independentes da vontade humana. As ameaças e riscos refletem-se, direta e indiretamente, sobre os Estados, sobre as regiões e sobre as pessoas. Apresentam-se com pesos diferentes conforme a conjuntura internacional, os recursos e o ambiente disponível. As ameaças e riscos, medidos no seu passado, em efeitos e consequências, são tangíveis e mensuráveis. Os que resultam de percepções e análises sobre o interior das sociedades, são intangíveis e difíceis de antecipar nas suas consequências, como o possível crescimento de xenofobias, anomias ou discriminações sociais com base em fatores étnicos e religiosos.

O mundo futuro será diferente. Garantidamente muito diferente. Será diferente na sua estrutura, na sua filosofia, nos desafios que irá defrontar, nas ameaças e riscos que terá pela frente<sup>7</sup> e, também, na sociedade humana que o habitará. Depois de milénios a procurar vencer os riscos da fome, das epidemias e das guerras, a humanidade, como um todo, está mais preocupada em aperfeiçoar, física e intelectualmente, o ser humano, em alcançar a vida eterna, em garantir a sustentabilidade do planeta e em encontrar “a verdadeira” felicidade. Em 2017 já se morre mais por obesidade do que por fome<sup>8</sup>, embora existam mais de 100 milhões de seres humanos a viver em fome extrema<sup>9</sup>. O paradoxo do século XXI é que sabemos como alimentar toda a humanidade mas não sabemos regular a sociedade internacional para o permitir e, por isso, as desigualdades globais crescem<sup>10</sup>. Também não vale a pena afirmar que se vive melhor na atualidade do que no século passado porque os cidadãos não se comparam com os antepassados, antes, comparam-se entre si e querem o mesmo que os restantes, com o recurso a tecnologia que permite a consciência das desigualdades globais através do acesso, quase geral, à informação<sup>11</sup>. Mas há hoje, indubitavelmente, ameaças e riscos que adquirem uma importância muito maior do que outros e, se não forem atendidas em tempo, poderão, no limite, significar o fim da humanidade. Referimo-nos, por exemplo, como vamos descrever de seguida, à desregulação ambiental e climática, que acelerada por outros fatores, poderão comprometer o futuro de todos nós.

---

<sup>6</sup> Ver: “Das Ameaças e Riscos Intangíveis aos Estados Frágeis e às Guerras Civis” (Pires, 2016).

<sup>7</sup> “A natureza transnacional e desterritorializada do espectro destas ameaças é, sem dúvida, um dos traços distintivos do século XXI”, (Xavier, 2017, p. 148).

<sup>8</sup> “Em 2014, mais de 2,1 mil milhões de pessoas tinham excesso de peso enquanto 850 milhões estavam subnutridas”, (Harari, 2017, p. 16).

<sup>9</sup> “108 Million People In The World Face Severe Food Insecurity – Situation Worsening” (Food Program, World, 2017). Mesmo em países, como o Brasil, é um fenómeno que aparente estar em crescimento (Marques, 2017)

<sup>10</sup> Como “Os 8 bilionários que têm juntos mais dinheiro que a metade mais pobre do mundo” (BBC, 2017).

<sup>11</sup> Com um tablet como o AaKash, que é distribuído quase gratuitamente na Índia, todas as pessoas, mesmo as que têm rendimentos abaixo dos dois dólares por dia, têm acesso a informação, (Friedman, 2016, p. 135).

Vamos, assim, dar destaque às Ameaças e Riscos que necessitam de uma nova abordagem estratégica e que, de forma simples, se apresentam, usando uma figura de estilo, como os 4 Cavaleiros hodiernos do Apocalipse<sup>12</sup>: O Cavaleiro da **Tormenta**, que traduz as alterações climáticas agravadas pelas pressões demográficas; O Cavaleiro do **Caos**, que representa a decadência, dispersão e atomização do poder associado à desintegração social interna e externa; O Cavaleiro da **Vertigem**, que se define pela imprevisibilidade das novas tecnologias (com relevância para a biotecnologia e a inteligência artificial) e; O cavaleiro da **Anarquia**, que se apresenta pelos efeitos desagregadores de variadas narrativas radicais, que são, muitas vezes, o motor de movimentos terroristas transnacionais.

O **Cavaleiro das Tormentas** simboliza as alterações climáticas e a pressão demográfica. *“Somos nós que estamos a matar o planeta”* (Alves, 2017, p. 428). É o risco maior de todos, assumimos sem hesitar, porque pode não matar o planeta, mas pode, isso sim, matar a vida humana sobre o planeta. Sem querer repetir o que já escrevi em variados textos anteriores, sintetizava-o desta forma: temos temperaturas mais elevadas<sup>13</sup>, menos superfícies geladas, mais efeitos de estufa, menos água potável, menos lagos e menos cursos de água. O nível das águas dos mares, que estão mais acidificadas e poluídas, aumenta. Há menos florestas, menos biodiversidade e mais regiões desérticas. Afeta todo o mundo mas “castiga” muito mais uns do que outros, por exemplo a região da Nigéria, Senegal e Níger vivem, desde 2016, com mais 2 graus de temperatura média (no planeta está 1,1º acima - (WMO, 2017)), aproxima-se dos 4 graus e o deserto avança implacavelmente, forçando ao abandono de terras, ao aumento de conflitos e ao crescimento de movimentos violentos (Friedman, 2017). Há muito que passámos os limites aceitáveis para um equilíbrio estável no planeta<sup>14</sup>. Somos muitíssimos mais habitantes do que éramos há pouco menos de 150 anos (passámos de mil milhões de habitantes em meados do século XIX para os 7,7 mil milhões em 2017 e chegaremos a uns previsíveis 10 mil milhões no ano de 2053<sup>15</sup>, com a agravante dos cidadãos do século XXI consumirem muitos mais recursos do que os do século XIX), causando uma enorme pressão sobre os recursos que, evidentemente, são fonte de crescentes desigualdades entre povos<sup>16</sup>. Somos mais, consumimos mais, vivemos mais concentrados junto à costa

---

<sup>12</sup> Utilizei pela primeira vez esta designação em 2016 (Pires, 2016). Neste texto faço umas ligeiras alterações às designações. Os originais Cavaleiros do Apocalipse, tal como vem no Livro da Revelação (ou do Apocalipse), são a Peste, a Guerra, a Fome e a Morte.

<sup>13</sup> Veja-se o recente alerta do FMI: “sem reação às alterações do clima vamos ser *assados-torrados-e-grelhados*” (Lagarde, 2017).

<sup>14</sup> Entre outros, destacamos este estudo científico coordenado pela Universidade de Estocolmo e que tem sido usado como referência para medir as consequências da ação do Homem sobre o Planeta - (Stockholm, Resilience Centre, 2015). Num alerta mais recente, nos EUA, destacamos o relatório oficial de junho 2017 denominado “Climate Science Special Report”, (Wuebbles, et al., 2017).

<sup>15</sup> “PRB projects world population rising 33 percent by 2050 to nearly 10 billion” (BUREAU, POPULATION REFERENCE, 2016) .

<sup>16</sup> “Um americano do presente usa 60 vezes mais energia do que um caçador-recoletor da Idade da Pedra” (...) “ a verdadeira ameaça para a economia moderna é a possibilidade de um colapso ecológico” (...) “O

e em grandes cidades, e continuamos a crescer. A ação deste *Cavaleiro* manifesta-se nos números dos refugiados do clima, que ultrapassaram os (milhões) dos refugiados da guerra e que, em meados deste século poderão atingir o enorme número de 250 milhões<sup>17</sup>, sendo que muitos se poderão dirigir para a Europa<sup>18</sup>. Naturalmente que fugindo de áreas sem condições vão sobrelotar outras onde as populações, também em crescimento exponencial, se juntam e competem pelos mesmos e mais escassos recursos, propiciando um ambiente que pode levar a um aumento de Estados fragilizados e de guerras civis<sup>19</sup>.

O **Cavaleiro do Caos** manifesta-se através das novas relações de poder, da sua dispersão, atomização, da sua decadência e das inúmeras novas formas de gestão e direção coletiva da sociedade, sem qualquer enquadramento legislativo, nacional ou internacional<sup>20</sup>, que pode provocar fenómenos de desagregação social, tanto internos como externos. Um *Cavaleiro* que galopa em grande velocidade, sobre nascimentos e desaparecimentos bruscos de empresas, de organizações, de partidos e de movimentos, em mudanças gigantes de capital, de recursos e de sedes de poder, que ocorrem por vezes em poucos dias, horas ou mesmo minutos. Arrasta consigo rotações de pessoas, de grupos, de polos regionais e, mesmo, de lideranças sem nome, sem rosto, impessoais mas com poder sobre milhões de pessoas<sup>21</sup>. Que nos fazem temer sobre a coerência e convergência das tomadas de decisão fundamentais sobre um futuro global que necessita de grande reflexão e análise. Como refere Moisés Naím, no seu livro *O fim do Poder* (Naím, 2014), teme-se cada vez mais uma má (ou ausência de) governação global futura. Somando à tese defendida por Francis Fukuyama sobre a crescente *decadência* política (Fukuyama, 2014), temos uma base explanatória de análise que é importante descrever. Para os fenómenos globais que emergem não se encontram respostas globais ao nível da governação e os riscos maiores serão, provavelmente, os causados por origem humana, seja pela ação ou simplesmente pela omissão em agir atempadamente. Ainda vivemos reféns dos “ismos” do final do século XIX, os maiores partidos ainda refletem os fascismos, comunismos, socialismos, anarquismos, etc. que nos falavam os ideólogos do final do século XIX e de todo o século XX. Parece que se perdeu a

---

aquecimento global já afeta mais a vida dos pobres que vivem nas zonas áridas dos países africanos do que a vida dos ocidentais abastados”, (Harari, 2017, pp. 45, 240 e 242).

<sup>17</sup> “Top UNHCR official warns about displacement from climate change” (Agency, 2008).

<sup>18</sup> “A geopolítica europeia está indissociavelmente ligada ao Sul do Mediterrâneo e ao Médio Oriente, predominantemente islâmicos, em explosão demográfica e convulsão política permanente” (Fernandes, 2017, p. 12).

<sup>19</sup> Naquilo que António José Telo e eu, definimos como ambientes de caos, que germinam em muitas áreas do planeta, onde se regista uma falta da ação efetiva dos Estados no estabelecimento de segurança e bem-estar, (Telo & Pires, 2013).

<sup>20</sup> “Se procurar hoje quais são os centros de poder, tem alguns identificados, e não são cobertos pelo direito. É o caso do G20”, (Moreira, 2017, p. 135).

<sup>21</sup> “Por exemplo, os conglomerados nos domínios da energia e do armamento, ou as grandes indústrias e empresas multinacionais nas áreas da internet, da saúde, da banca-finança ou da extração mineira continuarão a capturar parte do poder e exercer grande influência nos decisores políticos e na vida dos cidadãos”, (Tomé, 2017, p. 179).

imaginação de pensar em novos sistemas políticos, que aceitamos “a crise atual da condição humana” (Damásio, 2017, p. 289) e, a única certeza que temos é a de que as velhas democracias definham e não apresentam sinais de pujança e força para rejuvenescer<sup>22</sup>.

O **Cavaleiro da Vertigem** mostra-nos a imprevisibilidade das novas tecnologias (com relevância para a biotecnologia e a inteligência artificial - IA). A robotização e a IA criam enormes potencialidades<sup>23</sup> mas também perigos<sup>24</sup> e interrogações<sup>25</sup>. A tecnologia renova-se a intervalos cada vez mais estreitos e, num curtíssimo espaço de tempo, pode tornar obsoleto um equipamento ou uma prática que ainda no passado era inovação e espanto<sup>26</sup>. Colocamos a tecnologia na busca pela imortalidade, pelo estender ao máximo o tempo e pela qualidade de vida. “A ideia de eliminar a morte (...) os seres humanos sabem hoje que é uma possibilidade bem real” (Damásio, 2017, p. 272). Há verdadeiras possibilidades de melhorar e aumentar exponencialmente as capacidades dos seres humanos mas, simultaneamente, também se correm enormes perigos que podem, inclusivamente, tornar irrelevante o próprio ser humano<sup>27</sup>. A sociedade precisa de tempo para se organizar mas a inovação é, nos nossos dias, e será ainda mais no futuro, demasiado rápida para permitir avanços sociais de idêntica magnitude, ajustamentos em vida que sejam calculados e progressivos<sup>28</sup>. Há também uma dimensão alargada das ameaças nos domínios da segurança, em especial, no uso do espaço e do

---

<sup>22</sup> “As democracias liberais estão a passar por uma crise de legitimidade que deve ser abordada o mais depressa possível” (Damásio, 2017, p. 297).

<sup>23</sup> “No futuro, vamos ter amigos robôs. E isso é uma coisa boa (...) a Inteligência Artificial e a “fusão” entre homens e máquinas podem tornar-nos pessoas melhores e, possivelmente, “imortais”, (Watson, 2017).

<sup>24</sup> “Temos de regular a Inteligência Artificial antes que seja tarde demais” (Musk, 2017); “47 % dos trabalhos feitos por humanos nos EUA serão substituídos por computadores”, (Friedman, 2016, p. 448).

<sup>25</sup> “Facebook desliga dois robôs de Inteligência Artificial que “inventaram a própria língua” (Caetano, 2017).

<sup>26</sup> O conceito de reflexividade definida por Ulrich Beck, autor de Sociedade de Risco Global (Beck, 2009). A reflexividade tem que ver com a necessidade de criarmos mais tecnologia para lidarmos com os problemas criados por essa mesma tecnologia até a um ponto em que esta se virar contra o seu criador (o homem). “Quanto mais lhe ensinarmos, melhor ele poderá servir-nos – ou manipular-nos”, afirma Pedro Domingos. Há também o risco de criação de fossos enormes nas organizações de defesa como, por exemplo, a NATO. Num futuro poderemos ter um soldado que se sentirá um guerrilheiro ao lado de um “ciborg” americano, tal será o fosso entre os que podem acompanhar o desenvolvimento e os que não têm essa capacidade ou, mesmo, chegar à conclusão que “a guerra não é para os humanos”, e que “no Exército do futuro, os algoritmos evolutivos superarão em muito o número de soldados, salvando assim inúmeras vidas” (Domingos, 2017, pp. 46, 290 e 306).

<sup>27</sup> Tentar criar cidadãos a-mortais e não imortais, ou seja, aptos a resistir ao desgaste físico embora não se anteveja que possam ser imunes a acidentes: “desde que não sejam atingidos por uma bomba ou atropelados por um camião, poderão viver por tempo indeterminado” (...) “com o auxílio da engenharia genética, da nanotecnologia e dos interfaces cérebro computador” pode-se construir o “tecno-humano” mas, por outro lado, “a mesma tecnologia que pode transformar os humanos em deuses também pode torná-los irrelevantes” (Harari, 2017, pp. 36, 80 e 394-395).

<sup>28</sup> Quando o ritmo da mudança é superior ao da adaptação temos os fenómenos de “*disrupção* quando o que fazemos, ou o trabalho onde estamos inseridos, passou a ser considerado obsoleto e a “Deslocalização (dislocation – termo difícil de traduzir para português), quando todo o ambiente em que estamos muda completamente e sentimos que não fazemos parte dele”, (Friedman, 2016, p. 28).



ciberespaço, como por exemplo, o temível efeito de “bombas lógicas”<sup>29</sup> que podem destruir cidades e países, afetando os sistemas vitais de abastecimento de eletricidade<sup>30</sup> ou, simplesmente, o controlo do tráfego aéreo e rodoviário. Vale a pena seguir o debate, global e atual, entre dois grandes cientistas e pensadores portugueses: António Damásio, que apresenta argumentos sobre o caráter, profundamente humano, das decisões, da *Homeostasia*, do equilíbrio que a evolução não atropela (Damásio, 2017), e Pedro Domingos que nos mostra a busca pelo *Algoritmo Mestre* e da relevância da *Aprendizagem Automática* como forma de descobrir qualquer conhecimento a partir dos dados (Domingos, 2017), face a outras teses que levantam a possível irrelevância dos seres humanos nas grandes decisões sobre o futuro (Harari, 2017). Ler, entender mas, acima de tudo, tentar participar no debate deste futuro que é de hoje!

O **Cavaleiro da Anarquia** vive da dimensão supranacional, onde os efeitos desagregadores de variadas narrativas radicais encontram público e vontade. Pode parecer que os ideais políticos e as religiões de outrora estejam em decadência, mas há novas e renovadas narrativas que alimentam radicalismos extremados e que favorecem, entre outros, movimentos terroristas<sup>31</sup>, subversivos, com recurso ou não<sup>32</sup>, à violência extrema<sup>33</sup>. Cresce por cima de fenómenos de desigualdade<sup>34</sup>, agrava-se pelo fosso

---

<sup>29</sup> “bombas lógicas são códigos de software malicioso instalados em tempo de paz e comandados à distância” que podem cortar o fornecimento de energia, “rebentar com refinarias, provocar acidentes” que usam a internet de forma muito pouco controlada, porque é “uma área livre e sem leis que corrói a soberania dos Estados, ignora fronteiras, anula a privacidade e, muito provavelmente, **representa a maior ameaça à segurança global**”, (Harari, 2017, p. 27 e 418).

<sup>30</sup> Cenário profundamente estudado nos EUA. É, por exemplo, o argumento do romance ficcionado “Ghost Fleet” que está a recolher grande interesse junto dos Generais americanos e que trata de um apagão levado a cabo pela China aos EUA (Stratford, 2016).

<sup>31</sup> Ver, por exemplo, este artigo: “Viagem ao interior da mente de um jihadista” (Rádio Renascença, 2017); Há inúmeros estudos sobre as motivações que levam alguém a aderir a ideologias radicais, “Jihadi Cool: Belgium’s New Extremists are as Shallow as they are Deadly” (Eichenwald, 2016); “The ‘Strategic Logic’ of Suicide Bombing” (Friedman, 2016); “This is why young European Muslims are joining Isis” (Asim, 2017); “Terror in the Terroir: The Roots of France’s Jihadist Problem” (Klausen, 2017); “Differential Association Explaining Jihadi Radicalization in Spain: a Quantitative Study” que é um estudo muito completo (Reinares, et al., 2017).

<sup>32</sup> “Quanto à violência psicológica, não física, está presente nos abusos de poder de que a invasão de privacidade possibilitada pelas tecnologias modernas é um exemplo perturbante” (Damásio, 2017, p. 240).

<sup>33</sup> “No século XXI iremos criar ficções mais poderosas e religiões mais totalitárias do que nunca. Com o auxílio da biotecnologia e dos algoritmos informáticos, estas religiões não se limitarão a controlar a cada passo as nossas vidas, mas serão igualmente capazes de moldar os nossos corpos, cérebros e mentes e de criar mundos virtuais completos com os seus próprios infernos e paraísos”, (Harari, 2017, p. 200). No entanto António Damásio contesta esta visão de Harari e afirma que o raciocínio humano “não são algoritmos (...) não são linhas de código, são coisas palpáveis (...) os processos intelectuais e de sentimentos têm de estar funcionalmente interligados” e conclui “No quadro pintado por Yuval Harari, em que os seres humanos já não são precisos para (...) vai, pura e simplesmente, definir e desaparecer” porque: “O âmbito do sofrimento e das alegrias humanas é unicamente humano, mercê da ressonância dos sentimentos nas memórias do passado e nas memórias que os seres humanos construíram em relação ao futuro antecipado” (Damásio, 2017, pp. 277-281).

<sup>34</sup> “Nos EUA, em 1965, os CEO das grandes empresas ganhavam em média, 20 vezes mais do que um empregado. Hoje ganham em média 270 vezes mais (...) aumentou o consumo extraordinário de bens, a

criado entre os muito ricos e os muito pobres e encontra terreno fértil onde a esperança deixou de existir, onde aumentam cada vez mais os fenómenos da solidão<sup>35</sup>. Não se pode quantificar, precisamente, o poder de ideias e religiões, uma vez que variam no tempo, no momento e no conteúdo mas, pode-se observar, o enorme poder que as interpretações literalistas de algumas religiões têm tido nos últimos dois séculos e como ameaçam regiões globais<sup>36</sup>. Por fim, ainda não sabemos, quão grave poderão ser os efeitos de novas ideologias ou movimentos<sup>37</sup> e também não devemos esquecer os enormes efeitos positivos que sempre trouxeram e poderão continuar a trazer<sup>38</sup>.

Nas respostas possíveis a estas “novas” ameaças e riscos, clarificamos que não propomos uma estratégia que substitua, ou abandone as, denominadas, *estratégias clássicas*. Para ameaças e riscos, tradicionais ou clássicos, as estratégias em vigor continuarão como necessárias<sup>39</sup>. Contra uma ameaça direta de um Estado sobre o outro mantêm-se, como válidas, estratégias diretas e indiretas. Para prevenir conflitualidades futuras continuam a fazer sentido as divisões da estratégia em geral e particular, ou em estrutural, genética e operacional. À subversão, continua adequada a estratégia da contrassubversão, à proliferação nuclear-biológica-química, as políticas e estratégias de contra-proliferação e não-proliferação (através de tratados). Mas afirmamos que estas ameaças e riscos emergentes, porque o tempo da estratégia é o de hoje e das décadas futuras, assumem-se como mais importantes, no estudo e procura de soluções, que as restantes. Propomos uma estratégia nova, assente numa política ambiciosa e de longo alcance, complementar, mais apta a lidar com esta nova tipologia de ameaças e riscos sem que, em nada, diminua, ou substitua, as necessárias e provadas estratégias em vigor.

---

destruição compulsiva do planeta, a destruição de postos de trabalho e a diminuição de salários”, (Alves, 2017, p. 261).

<sup>35</sup> “isolamento é a maior patologia dos dias de hoje”, (Friedman, 2016, p. 450). “sozinhas, sem família, sem amigos (...) a solidão deixa de ser deprimente para se tornar absoluta, um nó cego que estrangula as relações humanas e as transforma em moeda de troca”, (Alves, 2017, pp. 100-101).

<sup>36</sup> Em todas as religiões há um trabalho sério a fazer: “Isto é inaceitável. Podem ser muçulmanos [em referência ao Daesh], mas o que fazem não tem nada que ver com a mensagem islâmica (...) Precisamos de filosofia (...) a história das religiões precisamos de saber muito mais (...) a ignorância é o oposto de liberdade” (Ramadan, 2017, p. 30 e 37).

<sup>37</sup> Ver, por exemplo, o trabalho de análise feito por Cordesman desde 1970 até 2016, sobre as variadas motivações de fenómenos terroristas (Cordesman, 2017).

<sup>38</sup> “O efeito homeostático positivo da crença religiosa pode ser documentado individualmente – ela reduz ou elimina o sofrimento e o desespero, produz diversos graus de bem-estar e de esperança, efeitos fisiologicamente verificáveis” (Damásio, 2017, p. 252)

<sup>39</sup> Como é notório no regresso das forças pesadas à NATO (Tilghman, 2016).

## A Estratégia da Coesão

A estratégia da coesão consegue-se pelo poder da iniciativa individual, pelo sentido do coletivo organizado, pela narrativa afirmativa, pela coerência dos valores e pela educação abrangente e aprendizagem contínua. É como um adaptar da astrofísica geral para o âmbito estratégico. Na astrofísica tem de se ter uma visão cósmica de tudo, desde o infinitamente pequeno até ao inimaginável enorme, com dimensões de tempo e espaço que, por se medirem em biliões de anos e em anos-luz, permite uma perspetiva muito mais coerente e desprendida dos acontecimentos correntes<sup>40</sup>. Na astrofísica aprendemos o valor de constantes universais e imutáveis, sabemos que não há verdadeiros vazios, que mesmo o espaço intergaláctico tem matéria e energia, que tanto o que se observa como o que não se observa é fundamental para o equilíbrio universal, que há cores invisíveis (do infravermelho ao ultravioleta), que há matéria e buracos negros, que há certeza nas colisões dos asteroides com um planeta mas que a probabilidade de o mesmo ocorrer durante a vida é reduzidíssima. Na astrofísica ficamos profundamente humildes porque descobrimos que, como o nosso planeta, existem outros quarenta milhões com possibilidades idênticas de vida nesta galáxia, que há biliões de sistemas solares como o nosso e que há ainda centenas de biliões de galáxias no universo. Ou seja, percebemos e devemos assumir que um “eu”, ínfimo e efémero, nunca se poderá substituir a um “nós”, que se deseja maior e estruturante.

A coesão estratégica começa, por isso, na contribuição individual, assumida, livre e consciente, para dar força à ação coletiva numa permanente busca do conhecimento, com a humildade de saber a verdadeira dimensão do que se é: não mais que um “pálido ponto azul” perdido no sistema solar (Sagan, 1996). A coesão estratégica começa nas atitudes, desenvolve-se através do aumento do conhecimento, fortalece-se na consciência, fundamentalmente no respeito pelos direitos e liberdades individuais, mas também pelo sentido da contribuição para o coletivo. Não pode ser imposta, nem nunca pode ser obrigatória, daí que esta estratégia, como alertámos inicialmente, não se aplicar em Estado ditatoriais ou impositivos, os tais que não respeitam as liberdades e garantias, que tantos anos levaram a ser garantidos ao ser humano, nos modernos Estados que abordamos como referência.

Garante-se em quatro grandes patamares que vão do local ao global. Não é importante combater plataformas, adversários conjunturais ou a simples concentração de meios. O que faz a diferença é conhecer o meio onde se habita, é derrotar ideologias adversas, prevenir decadências, estar atento a todos os sinais de alerta (agindo com a máxima antecedência possível<sup>41</sup>) e apostar na inclusão. A estratégia da Coesão destina-se a todos

---

<sup>40</sup> Ver o livro de Neil de Grasse Tyson, sobre Astrofísica (Tyson, 2017).

<sup>41</sup> Segundo a tese de Thomas Frey, em que tenta encontrar o ponto da anomalia zero “Anomaly zero”, ou seja, o momento mais recuado possível em que podemos agir para evitar um efeito devastador: “Anomaly Zero is the theoretical earliest possible point where danger can be confirmed as a real threat. In virtually all cases, it remains theoretical because we are a long ways from both understanding it and figuring out ways to track it” (Frey, 2017).

que vivem em Estados Modernos e democráticos, sem exceção, porque a mesma será mais forte e eficaz quanto mais cidadãos participarem, conscientemente e voluntariamente, na mesma.

Um cidadão inclui-se numa estratégia de coesão em patamares de ação e, concorrentemente, através de três dimensões. Os patamares são quatro, do Local ao Global e pressupõem, cada um, três níveis (Prevenção, Ação e Consolidação):

**Local** - Em caso de necessidade onde ir, o que se fazer e como contribuir;

**Nacional** - O que faz a sociedade, como se prepara, como se organiza e quais os valores fundamentais que se têm de defender;

**Internacional** – O que vale a pena concertar entre Estados e no seio de Organizações Internacionais para defender e zelar pela segurança e estabilidade coletiva;

**Global** - O que se pode fazer pela segurança, estabilidade, sustentabilidade e desenvolvimento planetário.

As dimensões são três:

Da **Atitude** – Comportamentos, ética e esperança;

Do **Conhecimento** – Aprendizagem permanente numa perspetiva, cada vez mais partilhada, do espírito de descoberta do indivíduo, das comunidades e do contributo para o coletivo;

Da **Consciência** – Na humildade de se reconhecer que não se controlam nem os princípios nem os valores que, aparentemente, se escolhem<sup>42</sup>.

Face às ameaças e riscos emergentes, **assumindo que existe uma política inclusiva, aberta e determinada** (apenas com determinação política poderemos ter a ação estratégica), no pressuposto que esta estratégia apenas se aplica a Estados democráticos e respeitadores dos direitos fundamentais do ser humano, vamos aprofundar.

1. Ao nível **Local** e regional: Face a um terramoto, a uma inundação, a um período continuado de seca, a uma epidemia que se espalha na região, a uma possível subida das águas dos mares, a um forte incêndio, a um ataque terrorista, o que fazer? Coesão significa saber **o que fazer, mas acima de tudo, como contribuir**. Traduz-se em mecanismos de identificação, locais e regionais, através de procedimentos simples, como por exemplo:

---

<sup>42</sup> “A forma como criamos culturalmente e aquilo que criamos, bem como o modo como reagimos aos fenómenos culturais, dependem dos truques das nossas memórias imperfeitas, e da forma como os sentimentos as manipulam” (Damásio, 2017, p. 199)

- a. Na Prevenção - Cada um, deve saber onde se pode registar para se defender e para ajudar. Reconhecer locais de emergência, participar em eventos de informação coletiva e exercícios de catástrofes. Participar, ajudar e envolver-se em comportamentos de inclusão de novos cidadãos na comunidade, ensinando a língua, mostrando a região e a cultura, ajudando na adaptação ao trabalho e à escola.
- b. Na Ação - Em caso de calamidade, além do que se deve fazer para proteger a família e bens, é fundamental determinar como ajudar as pessoas que vivem perto. Em todas as casas devem estar afixados os procedimentos a fazer (sair, ficar, debaixo de mesas, subir para áreas altas, etc.)<sup>43</sup> e, de forma clara, saber onde se dirigir para ajudar. Todos os cidadãos devem saber para onde se ir, quais os locais de reunião e de abrigo. Também, de forma genérica mas sempre de acordo com a situação específica, devem saber o que podem levar para ajudar e para contribuir. Face às competências técnicas e/ou profissionais de cada um, também deve saber-se como e onde se pode ajudar, inclusivamente, antecipando tarefas principais, a constituição de equipas e a hierarquia para receber indicações (no fundo responder: onde me dirijo para receber instruções?). Ao nível regional, pode-se ajudar outras comunidades próximas. Tem então de se definir como e em que situações. Se a situação estiver bem organizada a nível local será fácil alargar-se a organizações de nível regional. Desde a simples oferta de bens e serviços, apoios a determinados comportamentos para ajudar num melhor desenvolvimento regional, tudo pode e deve estar previsto. Assim, descentralizando e organizando, consegue-se uma maior coesão social, mais sustentável, mais proactiva, que ajuda na preservação da natureza e dos meios em geral e que afirme um papel onde todos são relevantes e onde todos podem e devem contribuir.
- c. Na Consolidação - Como tornar a comunidade mais forte e inclusiva? Coesão significa participar em discussões abertas, em vigiar comportamentos extremados e em contribuir para uma defesa coletiva de valores e princípios<sup>44</sup>. Extremismos combatem-se pelo exemplo de uma comunidade aberta e inclusiva, sem guetos nem exclusões, na defesa dos direitos universais de cada um. Uma Estratégia da Coesão, consolidada, significa que juntámos Comunidades em Aldeias, Aldeias em Cidades que, por sua vez, as cidades se transformam em verdadeira Comunidade de Aldeias. Consolidar é garantir que todos têm, se assim o

---

<sup>43</sup> De uma forma geral, a nível local, já existe muita informação sobre o que fazer para se proteger (Mafra, Câmara Municipal, 2017).

<sup>44</sup> “A integração é uma via com dois sentidos. Só pode ter sucesso se ambos os lados se empenharem nela”, (Fernandes, 2017, p. 160).

quiserem, porque a coesão deve ser voluntária e interiorizada, um lugar para estar, para se dirigir, para ajudar e para contribuir.

2. Ao nível **Nacional**: O mais importante é construir, assumindo que a política assim o determina, um princípio de coesão partilhado. Porque os recursos são escassos, porque as fronteiras são abertas e facilmente transpostas, porque as liberdades criadas podem apresentar lacunas e brechas de oportunidade para radicalismos extremos, tem de se fomentar a coesão, a gestão e a partilha equilibrada:

- a. Na Prevenção – Essencialmente pela defesa dos cidadãos porque, em pleno século XXI, muitos dos governantes descobrem que podem construir riqueza coletiva sem necessitar de grande número de trabalhadores, em especial, dos menos qualificados e de origens mais modestas. A tecnologia e o conhecimento pedem cidadãos altamente qualificados e as tarefas mecânicas podem, cada vez mais, ser feitas por máquinas<sup>45</sup>. Pelo que será importantíssimo garantir uma coesão governativa na defesa do cidadão, procurando uma inclusão social transversal, evitando exclusões desnecessárias e criando acesso a bens comuns. Se a política é garantir a utilidade e a contribuição de cada um na sociedade, a Estratégia da Coesão daí decorrente terá de elencar, de forma clara, e em permanente atualização, as ameaças e riscos que impedem a inclusão dos cidadãos no futuro mercado de trabalho, propondo escolhas, sugerindo exclusões ou sugerindo inclusões.
- b. Na Ação – Essencialmente sobre os comportamentos sociais. Se, por exemplo, a maioria dos crimes são cometidos por cidadãos debaixo dos efeitos de drogas (Harari, 2017, p. 52), ou por via de uma continuada desintegração social, então tem-se de procurar limitar e aprofundar comportamentos que previnam, que substituam as substâncias, ou as origens genéticas humanas (Damásio, 2017, p. 270), que colocam em causa a segurança de todos por outras que possam ajudar a equilibrar comportamentos e, garantindo, através de regras claras, que se consegue uma adequada integração social. Procurando, também, novas formas de encarar o trabalho, o calendário e o horário, a distribuição de tarefas e a ocupação de profissões – Já se vive mais tempo, provavelmente viver-se-á muito mais. A procura pela eterna juventude pode levar à conflitualidade e à guerra em formas e dimensões que nunca pensámos possíveis<sup>46</sup>. Há imensos empregos que vão deixar de existir

---

<sup>45</sup> “Ao contrário do século XX, em que a elite tinha interesse em resolver os problemas dos pobres porque estes eram vitais para a defesa e para a economia, no século XXI, a estratégia mais eficaz (embora mais impiedosa) poderá ser deixar para trás as carruagens inúteis de terceira classe e seguir em frente apenas com as de primeira classe.” (Harari, 2017, p. 390).

<sup>46</sup> “Sociedades que já se debatiam com grandes problemas de desigualdade de riqueza e de deslocações humanas devido ao desemprego e às guerras tornam-se quase ingovernáveis” (Damásio, 2017, p. 295);

pela incorporação de novas tecnologias e da robotização. Coesão significa contribuir por mais tempo e em condições diferenciadas, trabalhar em ritmos diferentes e aceitar outras funções sociais e contributivas. Ser coeso é ser aberto e adaptativo. Em suma, substituir situações e comportamentos artificiais, desfasados e obsoletos por comportamentos de confiança<sup>47</sup>.

- c. Na Consolidação – Reforçando a ética e os valores nacionais. A determinação nacional traduz-se pela afirmação de repostas firmes e coesas. Mesmo que persistam dúvidas sobre o que nos ameaça ou sobre o que o futuro possa trazer, é preciso investir em respostas coletivas, maduras, assumidas pela história e que afrontam delírios valorativos contra uma ética estabelecida (no caso de Portugal trata-se de uma construção de 9 séculos). Os valores podem e devem ser ensinados, praticados e sentidos, como por exemplo, “o altruísmo tem a sua origem na cooperação cega, mas pode ser analisado e ensinado no seio das famílias e nas escolas como estratégia humana deliberada” (Damásio, 2017, p. 322). Não se podem permitir, de forma intransigente, imposições de valores alheios ou que atentem contra os valores individuais de livre expressão, de ideias e de religião.

Na prevenção, na ação e na consolidação, de qualquer situação, têm de existir mecanismos que definam claramente quem dirige a resposta e de quem marca o ritmo das várias ações parcelares. Implica criar mecanismos e procedimentos standardizados, fazer treinos e exercícios frequentes<sup>48</sup>. Assegurar processos de fiscalização exemplares, por forma a garantir que as informações fluem, que os procedimentos estão partilhados, que todas as instituições públicas e privadas sabem quem tem a autoridade de dirigir em cada situação e a forma de o fazer, quando não se deve intervir diretamente, ou pelo contrário se deve complementar ou reforçar os recursos e ações de outrem. Coesão é dissuasão. A dissuasão garante-se pela ação coordenada, dirigida e comandada de todas as instituições do Estado e da assegurada cooperação com as privadas que podem (e devem) participar. Ninguém desculpará que, em caso de um ataque terrorista, uma catástrofe natural ou uma situação inesperada, as instituições responsáveis, da Saúde, da Economia até às de Segurança e Defesa, incluindo os grandes

---

“Assim que os esforços científicos obtiverem sucesso, eclodirão graves confrontos políticos. Todas as guerras e conflitos da História parecerão um tímido prelúdio quando comparados com a verdadeira batalha à nossa frente: a luta pela eterna juventude.”, (Harari, 2017, p. 40).

<sup>47</sup> A confiança é a única droga que melhora efetivamente o ser humano, (Friedman, 2016, p. 360).

<sup>48</sup> A estratégia da coesão centra-se no patamar da estratégia total (Couto, 1998, p. 228), o que implica um envolvimento e a interdependência de todos os instrumentos de poder. Mas podemos estender esta análise em casos específicos de aplicação como, por exemplo, da coordenação política e estratégica de todos os instrumentos do Estado no combate ao terrorismo na Arábia Saudita: (Pires, 2017).

operadores privados que operam os meios vitais para a existência dos Estados, não saibam o que têm de fazer, como participar, quais os procedimentos comuns, qual a compatibilidade entre os vários meios e, acima de tudo, quem comanda, em cada caso, as operações de resposta.

3. Ao nível **internacional**: As alianças regionais, os compromissos assumidos entre duas ou mais nações, a identificação de pontes e de causas comuns, precisam de maior coesão, consistência e defesa:
  - a. Na Prevenção – Através do fortalecimento das alianças. Desde os tratados históricos (como o de Windsor, entre Portugal e o Reino Unido) à demonstração de capacidades dentro da ONU, da NATO, da União Europeia (UE), ou em outras organizações na sua proximidade, como é o exemplo claro da União para o Mediterrâneo – UfM – onde muitas vozes de líderes europeus têm pedido para se fazer uma espécie de “Marshall Plan” para prevenir futuras desagregações no norte de África<sup>49</sup>. Importa dar relevo às Organizações Internacionais e não cair na tentação de redundâncias desnecessárias. Há organizações mais preparadas para implementar a segurança numa região, como a NATO, e há outras que fazem, com mais abrangência (isenção e reconhecimento) e preparação, a (re)construção e o desenvolvimento de Nações, como a ONU. A coesão internacional necessita de uma perspetiva pragmática, que passa sobretudo, por entregar aos que melhor estão preparados para determinadas tarefas a resolução dos problemas que surgem e, quando os recursos atribuídos não estejam em linha com a intenção demonstrada, conceder-lhes, simplesmente, a sua coordenação.
  - b. Na Ação – Reforçando a presença nas Comunidades e identificações históricas, como é o caso da CPLP na defesa da língua portuguesa e no fortalecimento dos valores comuns; ou entre a União Europeia e os EUA que partilham, além de um forte poder global, valores e princípios próprios e definidores que urgem ser mantidos e reforçados. Reforçar o que une é o contrário de justificar a inação através do que divide. Defender a cultura e apostar na educação. Agir de forma decidida dentro de estruturas e orgânicas partilhadas, é também, uma forma determinada de mostrar coesão pública, isto é, construindo e edificando, ao nível da estratégia estrutural, desde que a decisão política vá nesse sentido, unidades e órgãos com forças de vários países, numa base ad-hoc ou sustentada, fará toda a diferença.
  - c. Na Consolidação – Pela defesa e salvaguarda dos recursos e dos espaços comuns. Rebalancear equilíbrios entre a natureza e a humanidade. Por

---

<sup>49</sup> Ver a União do Mediterrâneo (Mediterranean, Union for the, 2017), que junta os 28 países da EU com os 15 do Mediterrâneo.



ação do Homem mudámos os equilíbrios na fauna<sup>50</sup> e na flora, de forma dramática. Reequilibrar deve obedecer a uma estratégia transnacional coesa e solidária, porque será impossível agir num recurso dum determinado local que não provoque danos noutra. A informação, ou melhor, o fluxo de informações, provavelmente um dos mais importantes recursos do futuro, terá de ser mais partilhado, melhor processado<sup>51</sup>, mais potenciado e mais acessível. No fundo, como disse Thomas Friedman, mais do que viver a liberdade, é garantir a liberdade para aceder, ou seja, a possibilidade de disfrutar de um mínimo de recursos<sup>52</sup>. Nos espaços comuns, a palavra coesão implica identificar os enormes espaços sem soberania e transformá-los em espaços de soberania global (geralmente referidos como de *global commons*), partilhada e controlada, como são: o espaço, os mares internacionais, o sub-solo profundo e, especialmente, o ciberespaço.

4. Ao nível **global**: Sustentar, defender, partilhar e garantir valores. Apostar no supranacional, no transnacional e, identificando claramente as grandes dependências globais, em matérias de princípios, direitos, recursos e espaços, para se fazer, e garantir, uma gestão única e prospetiva:
  - a. Na Prevenção – Através da defesa, intransigente, da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Se é dos poucos documentos aceites pela esmagadora maioria dos países então surge a oportunidade de a usar como uma espécie de *constituição global*.<sup>53</sup> Os princípios e valores aí vertidos podem ser o código de conduta geral para cada país impor, fiscalizar e aferir do tratamento dos seus cidadãos. Além de garantir determinados direitos, liberdades e garantias, universais, permite, ainda melhor, exigir reciprocidade por quem entra e, ou, para quem vai a outros Estados<sup>54</sup>.
  - b. Na Ação – Criar e apoiar “Think Tanks” (círculos de reflexão) internacionais por “clusters” (aglomerados)<sup>55</sup>. Para cada uma das áreas vitais à existência do planeta, devem existir grupos de reflexão, permanentes e ad-hocs, para verificar e pensar a longo prazo. Os clusters podem incidir sobre a guerra, sobre a fome, sobre as alterações

---

<sup>50</sup> “Sobram 200 mil lobos selvagens em todo o mundo, mas há mais de 400 milhões de cães domésticos (...) 40 mil leões e 600 milhões de gatos (...) 50 milhões de pinguins e 20 mil milhões de frangos”, (Harari, 2017, p. 87); ou o alerta de como os insetos estão a desaparecer e como 80% das plantas precisam deles para sobreviver: “More than 75 percent decline over 27 years in total flying insect biomass in protected áreas” (Caspar A. Hallmann, 2017).

<sup>51</sup> “Aumenta o desenquadramento entre o volume de informação e o tempo necessário para a processar” (Damásio, 2017, p. 295).

<sup>52</sup> “Freedom from but not freedom to”, (Friedman, 2016, p. 271).

<sup>53</sup> “O que mais se aproxima de uma constituição global”, (Harari, 2017, p. 32).

<sup>54</sup> Ver capítulo “A França e o multilateralismo de gueto”, (Fernandes, 2017, pp. 17-22).

<sup>55</sup> “Um aglomerado (cluster) é um conjunto de entidades semelhantes (...) faz parte da natureza humana aglomerar coisas, e este é o primeiro passo na estrada para o conhecimento” (Domingos, 2017, p. 232).

climáticas, sobre as tecnologias, sobre as religiões<sup>56</sup> ou, genericamente, sobre o futuro da humanidade e do planeta. Coesão é reflexão coletiva, partilhada e dignificada. Ao nível global é fundamental saber juntar “grupos de sábios”<sup>57</sup> que pensem para além do tempo estratégico da vida comum, que proponham caminhos geracionais, a várias décadas, séculos e que, depois, monitorizem os caminhos entretanto implementados.

- c. Na Consolidação – Apostando forte na única organização global que dispomos: A Organização das Nações Unidas (ONU). Se há reformas urgentes para garantir a eficiência e a eficácia desta Organização, então têm de se fazer. Provavelmente ter-se-á que alterar o processo de decisão, a composição do Conselho Permanente de Segurança, as atribuições da Assembleia Geral, as possibilidades do Secretário-geral, o modelo de financiamento e o espectro de atuação, incluindo, o estar aberto a rever as ambições da *Carta* e os seus propósitos. Ainda assim é o único órgão global que dispomos e, como tal, ou o reforçamos ou, não havendo alternativas, ficamos incapazes de lidar com a maioria das grandes questões planetárias. Estar ou, admitir que se pode continuar a, viver eternamente refém da exclusiva vontade de algumas nações é um mau princípio para uma efetiva coesão global<sup>58</sup>. Consolidar uma estratégia de coesão, prospetiva e duradoura, consegue-se, acima de tudo, se todos se reconhecerem numa entidade supranacional, com a capacidade para vigiar, implementar, prosseguir, fiscalizar e melhorar, as opções assumidas.

Concorrentemente, todas estas propostas, pressupõem atuar nas seguintes três dimensões:

1. Das **Atitudes** – Porque estamos no domínio da estratégia, há necessariamente oposição de vontades mas, perante as ameaças e riscos enunciados, necessita-se de uma mudança profunda neste domínio. O adversário que combatemos vemo-lo no espelho, está no nosso próprio reflexo. A mudança de atitude começa por deixar de procurar inimigos imaginários<sup>59</sup>. Somos a oposição à nossa Estratégia. Precisamos de ter uma atitude que nos faça humildes e desafiantes, alterando por completo o racional a que estávamos habituados. Neste caso, escusamos de procurar adversários e inimigos exteriores porque somos nós o

---

<sup>56</sup> “Um Conselho de Igrejas ao lado do Conselho de Segurança” na ONU, (Moreira, 2017, p. 142).

<sup>57</sup> Deverão procurar ser inter-geracionais por forma a cooptar as gerações futuras com as soluções. Para que exista e se afirma o princípio da “Renovação”.

<sup>58</sup> Embora saibamos da enorme dificuldade deste desafio, basta recordar que a posse, por parte de algumas nações, da bomba de hidrogénio, com o seu gigantesco poder destruidor, veio tornar muito difícil uma alteração a este status quo.

<sup>59</sup> “Quando o mundo nos falha, nos põe de lado, é preciso arranjar um inimigo”, (Alves, 2017, p. 365).

maior perigo para o futuro. Há um *triplo paradoxo* que, geralmente, afeta a tomada de decisões internacional de forma oportuna e bem direcionada, que se devem a atitudes de arrogância, de distanciamento e de miopia estratégica:

- a. A arrogância porque, aparece muitas vezes a tentação de quem decide, pensar que se é tanto o principal causador da ameaça e risco encontrado como de que possui o melhor conhecimento da resposta para o vencer. Na verdade, quase sempre, mesmo para problemas que parecem muito distantes, participa-se na causa, no agravar ou na omissão do problema mas, raramente, se é o único, ou o principal, ou dos maiores responsáveis pelo mesmo e, muito menos ainda, se é o único a ter, ou a propor, as melhores soluções. O mundo não gira à volta de quem decide ou pensa que tem responsabilidades e soluções sobre tudo o que acontece. É arrogante um determinado país pensar que é responsável por tudo o que acontece noutro país, apenas porque este foi uma antiga colónia ou fonte de uma sua intervenção e agora pensa que sabe o que é melhor para o seu futuro. Medir influências e possibilidades é diferente de assumir responsabilidade por algo que aconteceu em tempo diferente, propor soluções não partilhadas e, no limite, demonstra algum desprezo sobre quem vive e tenta governar os espaços onde as situações se desenvolvem.
- b. Ao distanciamento porque, imediatamente após a tomada de consciência de um problema, procura-se outrem que o assuma, algo ou alguém que se possa acusar e, finalmente, parceiros que resolvam o problema. “Eles” que o resolvam porque estão melhores colocados, ou estão mais próximos, ou porque têm mais problemas derivados de relacionamentos mais diretos<sup>60</sup>.
- c. À miopia estratégica porque, procurando responder numa só dimensão, simplifica a busca de apoios populares mas desequilibra a sustentabilidade de respostas. Há um ataque terrorista, aumenta-se a polícia em pontos-chave; há tentativas de passar explosivos fecham-se fronteiras; há problemas de radicalização, encerram-se mesquitas ou os partidos; o ataque partiu de uma organização apoiada pelo país x, ataca-se esse país... etc. Assim, em vez de se procurarem respostas abrangentes, globais, internacionais, participadas, que apontem caminhos desde a política global até à tática e ação junto das populações, fica-se apenas por uma destas dimensões que são, quase sempre, do exclusivo domínio reativo de técnicas de curto prazo. São medidas de

---

<sup>60</sup> O nexu global pode ser entendido da seguinte forma: “restaurar um hectare de terra degradada em África custa entre cem e trezentos dólares e um dia num campo de refugiados em Itália custa 42 dólares” (Friedman, 2016, p. 293). Atuar onde parece “longe” é muito mais eficaz e inteligente do que na reação em territórios perto.

efeitos duvidosos, efémeras, muitas vezes tomadas para “acalmar” as populações em fúria mas que podem ter resultados, a médio e longo prazo, catastróficos e desequilibrados. Não resolvem, podem agravar e, pior, podem deixar a impressão que determinado problema ficou resolvido.

Não podemos viver mais com atitudes de otimismo, pessimismo, *wishful thinking* ou sob as ameaças de anunciados *profetas da desgraça*. A Estratégia da Coesão envolve todos, em diversos patamares de ação e, como vimos anteriormente, a atitude é a de reconhecer os caminhos errados, de corrigir o que se pode corrigir e antever os efeitos futuros por forma a se mudarem comportamentos, hábitos e respostas. A atitude da coesão tem de ser consciente e não imposta porque, numa ditadura de imposições, ao invés de coesão, obtém-se medo e obediência cega que, num primeiro momento em que seja necessário atuar de forma descentralizada, como se pretende, a coesão desaparece porque nunca se cimentou na confiança. Não nos podemos *dar ao luxo* de excluir ninguém nesta estratégia porque, de facto, todos são, efetivamente, parte da solução.

No que toca à gravidade das alterações climáticas e ao contínuo aumento da exploração de recursos, apenas com uma mudança de atitude global resolveremos um problema tão grave. Esta ameaça personificada no *Cavaleiro da Tormenta*, pode significar a extinção da vida no planeta e só conhecemos outras duas que têm este efeito de extinção da humanidade. Curiosamente, em três grandes *ameaças existenciais* que conhecemos, duas são causadas pela própria humanidade. As três ameaças / riscos de extinção são: (1) Um evento cósmico, como um choque de um asteroide, uma tempestade solar, etc. - cuja probabilidade na vida humana é muito baixa mas, medida em termos planetários, já ocorreu (por exemplo a que provocou a extinção dos dinossauros) e poderá ocorrer nos próximos milhões de anos - este risco é independente da ação humana e, pelo contrário, poderá ser a humanidade a prevenir, ou a evitar, um tal evento; (2) Um “holocausto” nuclear - com mais de uma dezena de milhar de ogivas nucleares que existem, se as mesmas forem usadas em grandes quantidades, o planeta poderá ser destruído várias vezes e; (3) As alterações climáticas / demografia / sobre-exploração de recursos (a *Tormenta* referida). Estas duas últimas são causadas pela ação do ser humano e temos de nos lembrar que a humanidade vive num equilíbrio ambiental extremamente delicado e vulnerável.

Se o planeta fosse uma cebola é importante lembrar que vivemos, e dependemos na quase totalidade, da espessura de uma das suas cascas. O Planeta tem uma profundidade (o raio) de cerca de 6.400 Km e a humanidade vive concentrada numa área que varia entre dos 10 Km de altitude e os 10 Km de profundidade, ou seja, na *casca mais fina, vulnerável e quebradiça da superfície da cebola*. A atmosfera pouco ultrapassa os 100 Km e as grandes extrações de minérios, raras

vezes, ultrapassam os 100 km de profundidade. 99,9999 % da humanidade, e dos recursos que exploramos e de que dependemos, vive numa finíssima casca de cebola. De si tão intensamente explorada, estamos a torná-la, cada vez mais, ainda mais fraca e vulnerável.

Só assim, mudando atitudes, reconhecendo que somos o maior inimigo de nós próprios, poderemos desenvolver estratégias eficazes, mensuráveis, exequíveis e generalizáveis.

2. Do **Conhecimento** – “Se não houver educação massiva, os seres humanos vão matar-se uns aos outros”, afirmou António Damásio no final de Outubro (Lopes, 2017). Criar uma estratégia é entender o que se opõe no caminho de determinada política, estabelecer algoritmos de decisão e, depois, de ação. Precisamos de pormenorizar processos, de criar e escrever os passos a dar, de definir claramente os obstáculos que podem ou os que poderão aparecer no caminho. Ao contrário dos recursos, o conhecimento nunca se esgota. “Precisamos de novas ideias, e de ideias que não sejam apenas variações daquelas que já temos” (Domingos, 2017, p. 319). Investir em conhecimento é defender o acesso ao conhecimento. Sem barreiras, sem limites<sup>61</sup>, com segurança e em busca continua. Um exemplo claro de como podemos beneficiar do conhecimento inter-pares foi dado no início do ano de 2017 através do conceito adotado nos EUA, mas ainda em fase de experimentação, denominado “Multi Domain Battle” (Brown & Perkins, 2017). Este conceito tenta procurar que não haja entidades e atuações estanques, procura cruzar conhecimento e ação. Os domínios em que as Forças Armadas atuam, hoje e no futuro, são sempre, no mínimo, cinco: ar – mar – terra – espaço e ciberespaço. O que se pretende é que cada um, no seu domínio principal, consiga criar melhores condições para o sucesso nos restantes domínios. É um passar do tradicional conceito de operações conjuntas, entre os Ramos das FFAA (Exército, Marinha e Força Aérea) para um conceito de atuação e partilha de conhecimento integrado (Sea Battle, 2013). O pensamento, o estudo, a coordenação, e também a ação, é feita de forma integrada. No domínio do conhecimento, e expandindo este conceito para além das Forças Armadas, também se faz entre Forças Armadas e Forças e Serviços de Segurança e, numa aproximação holística, entre Organizações Governamentais e Não-Governamentais. Alargar conhecimento é partilhar conhecimento. Para haver coesão tem de haver pensamento discutido, diferente e aplicado. No âmbito da segurança podemos estar hoje a evoluir de um sistema em que privilegiávamos as operações conjuntas e combinadas, para uma atuação cada vez mais integrada e pensada holisticamente<sup>62</sup>. No caso das

---

<sup>61</sup> É evoluir para um “sem caixa”, em vez de simplesmente se tentar pensar “fora da caixa”, (Friedman, 2016, p. 14).

<sup>62</sup> “The basic concept of integration has further evolved into seeking the development of pre-integrated joint forces. In order to maintain an advantage over potential adversaries, air, naval, and land forces must

operações coordenadas entre FFAA e Forças e Serviço de Segurança (FSS) podemos hoje estar a construir caminhos para atuações verdadeiramente conjuntas. A um degrau de coesão operacional segue-se outro, do coordenado chega-se ao conjunto, do conjunto e combinado ao integrado. Por fim, podemos passar do integrado ao coeso, assente na sinergia das diferenças, na riqueza da identidade cultural de cada um e que contribui para o todo. Em muitos casos já se atua de forma conjunta, como é comum nas operações de resposta a calamidades, ou seja, nas operações de defesa ou de proteção civil. Na ajuda às populações deve haver um ambiente, permanentemente, conjunto e combinado, entre forças inter-governamentais, Forças Armadas, Forças e Serviços de Segurança e Agentes de Proteção Civil. Basta continuar o caminho da partilha e da expansão do conhecimento, entre todos, para se conseguir alargar este conceito a maiores e mais abrangentes domínios e atingir a coesão estratégica. Expandir conhecimento, partilhar e agir em conjunto, conhecer o que o outro conhece e conhecer melhor o outro em todas as suas áreas, é reforçar a coesão da humanidade e, por extensão, de cada indivíduo.

3. Da **Consciência** – Evoluímos, e esperamos evoluir, cada vez mais rapidamente. Há e haverá tecnologia para fazer as coisas por nós e, mesmo, para decidir por nós<sup>63</sup>. Mas a consciência permanece no domínio do indivíduo, se não na sua plenitude, porque não se controla tudo o que a cria e influencia, pelo menos nas escolhas que se assumem, que são sempre marcadas pela subjetividade e pela experiência vivida por cada um (Damásio, 2017, p. 204). Contra narrativas<sup>64</sup> radicais, na senda de promessas de vidas eternas, no alheamento completo sobre os problemas que afetam a humanidade, há que criar e construir uma consciência resiliente. Assente no *logos* e razão, fortalecida por valores e princípios sociais, na defesa dos direitos inalienáveis de cada indivíduo e no seu papel crescente na contribuição para o coletivo, de inclusão global e nacional. Ter consciência é estar ciente que se faz parte deste mundo e que somos parte da solução, dos problemas, das omissões e do seu futuro. É condenar e impedir a indiferença<sup>65</sup>. Num futuro que se apresenta incerto e em rápida mutação, será ao nível da consciência que se poderá criar a resiliência da coesão. Que se

---

fully integrate their operations. Integration, traditionally viewed as strictly the combatant commander's job, needs to begin across Service lines as part of force development." (Sea Battle, 2013, p. 6)

<sup>63</sup> "Drones que não necessitam de piloto e vírus informáticos estão a substituir os exércitos massivos do século XX e é cada vez mais frequente os generais confiarem aos algoritmos a tomada de decisões cruciais", (Harari, 2017, p. 344).

<sup>64</sup> "We often talk about counter-narratives but simply theologically dissecting Isis's twisted ideology is not enough. (...). The world must offer a positive call to action – a clear articulation of a shared identity and sense of belonging. This means tackling socio-economic and socio-political factors, which are also key drivers for extremism." (Asim, 2017).

<sup>65</sup> "Pior do que a crueldade, sempre gratuita, é esta indiferença perante a crueldade. As pessoas que resolvem olhar para o lado, fugir com o rabo à seringa, pretender não ver. As pessoas que têm horror da resistência. Os facilitadores. Os cúmplices. Os assalariados. Os corrompidos. Os cobardes. Os amorais. Os neutros." (Alves, 2017, p. 425).

edificam princípios sólidos e se criam resistências contra assaltos desconstrutivos. Poderá parecer desfasado mas, se se tiver consciência das vantagens em defender, em manter e em fazer evoluir o Estado onde se nasce, estaremos a fortalecer a consciência contra ameaças e perigos futuros. No fundo é fortalecer as três dimensões da consciência defendidas por António Damásio (Damásio, 2010): na dimensão fonte, onde tudo acontece e se constrói o presente, na dimensão processual onde mantemos um espírito aberto a planos futuros e procuramos as melhores soluções e, em especial, na dimensão ampla que parte de toda uma experiência acumulada na vida e que permite construir a resiliência para encarar qualquer futuro, individual ou coletivo.

## Conclusão

Entrando pela fronteira alentejana de Portugal, encontramos uma Vila única. Chama-se Vila Viçosa. Mais do que um simples monumento, esta urbe transmite harmonia e coesão na forma espantosa como junta história, população, arquitetura, geologia e natureza. Nada está ao acaso. Os mármoreos identificam a arte e são base da edificação, a água é judiciosamente respeitada pela arquitetura por onde se desenvolve, a história respira-se nesta que foi a capital alternativa do Reino sempre que Lisboa tremeu ou esteve em perigo (como por exemplo entre 1640 e 1668)<sup>66</sup>. A população é cosmopolita e virada para o mundo (encontramos habitantes de Vila Viçosa da Índia ao Brasil, de Timor a África). Sente-se respeito. Respeito pelo indivíduo, pelo seu espaço, pelas suas ideias, pela sua personalidade, distinta e única. Respeito pela natureza dentro de muralhas, em cada quintal e jardim e na simbiose com a magnífica tapada. Respeito pela História através de ruas, Palácio Ducal e Castelo, impecavelmente preservados e judiciosamente envolvidos pelo urbanismo posterior<sup>67</sup>. Respeito por quem chega, por quem parte e por quem está, onde há sempre uma mesa posta e um copo de vinho pronto a ser partilhado. Aqui entende-se o conceito de homeostasia proposto por António Damásio, pelo equilíbrio do que se constrói, do que se sente e do que se transmite (Damásio, 2017, p. 41). Vila Viçosa candidata-se a Património Mundial, com todo o mérito, e é símbolo da coesão, da determinação, do pensamento holístico que abrange o indivíduo, da família, da região onde está inserida e do legado nacional e mundial. A beleza física da magnífica Vila Viçosa personifica Coesão porque transmite atitude, conhecimento e consciência.

A Estratégia da Coesão passa pelo respeito do Conhecimento na Hagia Sofia, traduz-se na harmonia do urbanismo renascentista de Vila Viçosa e afirma-se aqui, em Instituições

---

<sup>66</sup> Ver artigo do autor sobre Vila Viçosa (Pires, 2015).

<sup>67</sup> Para uma breve descrição de Vila Viçosa: (Viçosa, 2017). Sobre a importância do património: (Lopes, 2016) e (Lampreia, 2016).

estruturantes como a Academia Militar, onde se formam os comandantes do futuro para o Exército e para a GNR. Também é, através de Instituições estruturantes, que se afirmam as grandes estratégias. Alarga-se através de iniciativas locais e regionais e, garante-se, em desígnios nacionais. Coesão significa comunidade e instituições fortes. Coesão significa acreditar em Estados onde se vive; e honrar, pela ação, as alianças internacionais que se integram. É abraçar o aprofundamento do conhecimento, é não temer mudar, alterar, ajustar e construir novos futuros. A Estratégia da Coesão tem no ser humano, no seu egoísmo e miopia estratégica, o seu maior oponente, mas constrói-se pela participação livre e consciente de cada indivíduo, alimenta-se na defesa dos valores universais e na transparência da identificação dos obstáculos e dos desafios. Porque estamos na *Era das Acelerações*<sup>68</sup>, temos de construir estratégias fortes e coesas que possibilitem rápidas adaptações e, se necessário for, a alteração completa de rumo.

A Estratégia da Coesão parte de uma aposta em garantir os valores sustentáveis, a unidade e a perenidade institucional e nacional, numa forte determinação em torno do conceito de Estado Soberano como superior a qualquer outra ideologia fraturante e na defesa intransigente dos valores universais, em especial, dos direitos, liberdades e garantias, que assistem a cada ser humano. Com Valores fortes há Estratégias de Coesão pensadas, determinadas e evolutivas. Há uma via para a identificação antecipada dos problemas, para a elaboração de diagnósticos abrangentes, multisectoriais e para o desenho de uma prospetiva de atuação reforçada, pensada para várias décadas. A Estratégia da Coesão, desde que a política se mantenha determinada e coerente, aposta em tempo suficiente para implementar, de maturar e garantir o sucesso num mundo, que é global, que vive em acelerada transformação e que está sujeito a revoluções e surpresas político-sociais de variadíssima espécie.

Numa possível definição, entendemos que Estratégia da Coesão é<sup>69</sup> a arte e ciência de prevenir, agir e consolidar, nos patamares local, regional, nacional, internacional e global, através das dimensões das atitudes, conhecimento e consciência para, atingir os objetivos políticos assumidos e determinados, face às ameaças e riscos que a própria humanidade, consciente ou inconscientemente, está a edificar sobre si própria.

Com a Estratégia da Coesão conseguem-se antecipar os riscos de implosões, corrosões e desagregações sociais que minem a existência de Estados Livres, Democráticos e Inclusivos. A Coesão parte de um plano político ambicioso, traduz-se numa estratégia que trás de volta a assunção livre e consciente do indivíduo para o coletivo, do cidadão para a comunidade, do humano para a humanidade e, finalmente, da humanidade para um equilíbrio planetário e cósmico. Parte de nós contra nós, fazendo-se entre todos, com convicção e em harmonia com todos os seres vivos com quem partilhamos o

---

<sup>68</sup> Caracterizadas por três acelerações simultâneas: “na tecnologia, na globalização e nas alterações climáticas”, (Friedman, 2016, p. 15).

<sup>69</sup> Usando os princípios e critérios definidos por Cabral Couto para delimitar o conceito de Estratégia (Couto, 1998, pp. Vol I - 209).



planeta, pelo respeito dos recursos e na justa distribuição e uso dos mesmos. Coesão é garantir, a todos os cidadãos, uma ação eficaz e útil, com sentido de vida e de pertença nos espaços onde vivem (do local ao global), mudando atitudes na permanente busca por mais e melhor conhecimento, assente numa consciência resiliente e na capacidade de fazer e assumir compromissos.

Em Portugal aprendemos há muito que, respeitando em absoluto os direitos e liberdades de cada indivíduo, somos melhores quando coesos e globais, quando nos entregamos por um bem comum e nos integramos em projetos maiores que o nosso egoísmo. Como Soldados temos apenas de estar, nesta como em qualquer outra Estratégia que o Estado decida, na linha da frente, liderando e dando o exemplo, mostrando que a resiliência se faz de sonhos, de aspirações, de ambições, de humildade, de determinação e, acima de tudo, em acreditar que o País merece tudo porque com um Portugal Coeso poderemos ajudar a construir um mundo melhor.

## Bibliografia

- Reinares, F., García-Calvo, C. & Vivente, Á., 2017. *DIFFERENTIAL ASSOCIATION EXPLAINING JIHADI RADICALIZATION IN SPAIN: A QUANTITATIVE STUDY*, CTC (Comating Terrorism Centre). [Online]  
Available at: <https://ctc.usma.edu/posts/differential-association-explaining-jihadi-radicalization-in-spain-a-quantitative-study>  
[Acedido em 10 outubro 2017].
- Agency, U. R., 2008. *Top UNHCR official warns about displacement from climate change*, United Nations. [Online]  
Available at: <http://www.unhcr.org/news/latest/2008/12/493e9bd94/top-unhcr-official-warns-displacement-climate-change.html>  
[Acedido em 21 agosto 2017].
- Alves, C. F., 2017. *Cenas da Vida Americana*,. Lisboa: Clube do autor.
- Asim, Q., 2017. *This is why young European Muslims are joining Isis*, Independent. [Online]  
Available at: <http://www.independent.co.uk/voices/barcelona-spain-terrorism-young-european-muslims-joining-isis-a7903026.html>  
[Acedido em 12 outubro 2017].
- BBC, 2017. *Os 8 bilionários que têm juntos mais dinheiro que a metade mais pobre do mundo*. [Online]  
Available at: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38635398>  
[Acedido em 2 Outubro 2017].
- Beck, U., 2009. Sociologia de risco: globalizando a modernidade. *Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 22*, , Julho Dezembro, pp. 384-396.
- Brown, R. B. & Perkins, D. G., 2017. Multi-Domain Battle: Tonight, Tomorrow, And The Future Fight. *War on the Rocks*, 18 Agosto.
- BUREAU, POPULATION REFERENCE, 2016. *PRB projects world population rising 33 percent by 2050 to nearly 10 billion*. [Online]  
Available at: [https://www.eurekalert.org/pub\\_releases/2016-08/prb-ppw082316.php](https://www.eurekalert.org/pub_releases/2016-08/prb-ppw082316.php)  
[Acedido em 12 setembro 2017].
- Caetano, E., 2017. *Facebook desliga dois robôs de Inteligência Artificial que “inventaram a própria língua”*, Observador. [Online]  
Available at: <http://observador.pt/2017/08/01/facebook-desliga-dois-robos-de-inteligencia-artificial-que-inventaram-a-propria-lingua/>  
[Acedido em 15 setembro 2017].

Caspar A. Hallmann, M. S. E. J. H. S. N. H. H. S. W. S. A. M. H. S. T. H. D. G. H. d. K., 2017. *More than 75 percent decline over 27 years in total flying insect biomass in protected areas, Plos / One*. [Online]

Available at:

<http://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0185809>

[Acedido em 4 Novembro 2018].

Cordesman, A. H., 2017. *Trends in European - Terrorism: 1970-2016, CSIS*. [Online]

Available at: [CORDESMAN, Anthony Hhttps://csis-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/publication/170818\\_european\\_terrorism\\_trends\\_1970\\_2016.pdf?oBo1X5gUnE8LgWEAQoE7xKo6mYYvsugW](https://csis-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/publication/170818_european_terrorism_trends_1970_2016.pdf?oBo1X5gUnE8LgWEAQoE7xKo6mYYvsugW)

[Acedido em 27 agosto 2017].

Couto, A. C., 1998. *Elementos de Estratégia (Vols. I e II)*. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.

Damásio, A., 2010. *O Livro da Consciência: a construção do cérebro consciente*. Lisboa : Temas & Debates.

Damásio, A., 2017. *A Estranha Ordem das Coisas: A vida, os Sentimentos e as Culturas Humanas*. Lisboa: Temas & Debates.

Domingos, P., 2017. *A Revolução do Algoritmo Mestre: Como a aprendizagem automática está a mudar o mundo..* Barcarena: Manuscrito.

Eichenwald, K., 2016. *JIHADI COOL: BELGIUM'S NEW EXTREMISTS ARE AS SHALLOW AS THEY ARE DEADLY, Newsweek*. [Online]

Available at: <http://www.newsweek.com/2016/04/08/belgium-new-extremists-jihadi-cool-brussels-attacks-439640.html>

[Acedido em 12 Outubro 2017].

Fernandes, J. P. T., 2017. *O regresso da Geopolítica: Europa, Médio Oriente e Islão*. Lisboa. : ,Almedina.

Food Program, World, 2017. *108 Million People In The World Face Severe Food Insecurity – Situation Worsening*. [Online]

Available at: <https://www.wfp.org/news/news-release/108-million-people-world-face-severe-food-insecuritysituation-worsening>

[Acedido em 14 outubro 2017].

Frey, T., 2017. *Every Disaster Has a Beginning: In Search of Anomaly Zero, Futurist Speaker*. [Online]

Available at: <http://www.futuristspeaker.com/business-trends/every-disaster-has-a-beginning-in-search-of-anomaly-zero/>

[Acedido em 26 agosto 2017].

Friedman, T., 2016. *Thank you for being late: an optimistic guide to thriving in the age of accelerations*. Reino Unido.: Allen Lane / Penguin Books.

Friedman, T. L., 2017. *Trump, Niger and Connecting the Dots*, *New York Times*. [Online]  
Available at: <https://www.nytimes.com/2017/10/31/opinion/trump-niger-africa-desertification.html>  
[Acedido em 3 Novembro 2017].

Friedman, U., 2016. *The 'Strategic Logic' of Suicide Bombing*, *Atlantic*. [Online]  
Available at: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2016/03/brussels-attacks-terrorism-isis/474858/>  
[Acedido em 12 setembro 2017].

Fukuyama, F., 2014. *Ordem Política e Decadência Política: Da Revolução Industrial à Globalização da Democracia*. Lisboa: D. Quixote.

Harari, Y. N., 2017. *Homo Deus*. Amadora: Elsinore.

Instambul, H. S., 2017. *Hagia Sophia*. [Online]  
Available at: <http://www.hagiasophia.com/>  
[Acedido em 14 outubro 2017].

Klausen, J., 2017. *The Roots of France's Jihadist Problem*, *Foreign Affairs*. [Online]  
Available at: <https://www.foreignaffairs.com/reviews/review-essay/2017-08-15/terror-terroir>  
[Acedido em 9 outubro 2017].

Lagarde, C., 2017. *FMI - Sem reação às alterações Climáticas vamos ser assados, torrados e grelhados*, *Sábado*. [Online]  
Available at: <http://www.sabado.pt/mundo/detalhe/fmi-sem-reacao-as-alteracoes-do-clima-vamos-ser-assados-torrados-e-grelhados>  
[Acedido em 27 Outubro 2017].

Lampreia, L., 2016. Vila Viçosa – Paisagem cultural candidata a património cultural da Unesco. *Revista de Cultura Callipole nº 23, Vila Viçosa*, pp. 17-28.

Lopes, F., 2016. O Património de Vila Viçosa: Da classificação dos monumentos pátrios à abertura ao mundo. *Revista de Cultura Callipole nº 23, Vila Viçosa*, pp. 17-28.

Lopes, M., 2017. *Sem educação, os homens "vão matar-se uns aos outros"*, *SIC notícias*. [Online]  
Available at: <http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2017-10-31-Sem-educacao-os-homens-vao-matar-se-uns-aos-outros>  
[Acedido em 31 Outubro 2017].

Maфра, Câmara Municipal, 2017. *Medidas de auto-proteção*. [Online]  
Available at: <http://www.cm-mafra.pt/pt/municipio/proteccao-civil/medidas-de-auto-proteccao>  
[Acedido em 29 agosto 2017].

Marques, F., 2017. *Brasil em perigo de voltar a cair no mapa da fome da ONU*, Euronews. [Online]  
Available at: <http://pt.euronews.com/2017/10/24/brasil-em-perigo-de-voltar-a-cair-no-mapa-da-fome-da-onu>  
[Acedido em 27 Outubro 2017].

Mediterranean, Union for the, 2017. *Union for the Mediterranean*. [Online]  
Available at: <http://ufmsecretariat.org/>  
[Acedido em 2 setembro 2017].

Moreira, A., 2017. Ordem definida na Carta da ONU não está a ser cumprida. Em: A. Mateus, ed. *Olhar o Mundo*. Lisboa: Marcador, pp. 133-142.

Musk, E., 2017. Temos de regular a Inteligência Artificial antes que seja tarde demais. *Observador*, 7 julho.

Naím, M., 2014. *O Fim do Poder: Dos Conselhos de Administração aos Campos de Batalha, às Igrejas e aos Estados. Porque ter poder já não é o que era*. Lisboa: Gradiva.

Pires, N. L., 2015. A importância da resistência de Vila Viçosa nos 350 anos da Batalha de Montes Claros. *Revista de Cultura Callipole nº 22 de Vila Viçosa*, pp. 123-142.

Pires, N. L., 2016. Das Ameaças e Riscos Intangíveis aos Estados Frágeis e às Guerras Civis. Em: *Ameaças e Riscos Transnacionais no novo Mundo Global*. Porto: Fronteira do Caos, pp. 153-174.

Pires, N. L., 2016. Do Terrorismo Transnacional ao Choque de valores. *Revista Nação e Defesa nº 143*, pp. 59-70.

Pires, N. L., 2017. O uso do Instrumento militar. Em: *Daesh. Dimensão Globalização, Diplomacia e Segurança*. Lisboa,: Universidade Nova de Lisboa e Instituto Universitário Militar, pp. 123-136.

Rádio Renascença, 2017. *Viagem ao interior da mente de um jihadista*. [Online]  
Available at:  
<http://rr.sapo.pt/noticia/91953/viagem-ao-interior-da-mente-de-um-jihadista>  
[Acedido em 21 setembro 2017].

Ramadan, T., 2017. Papa Francisco pode dar lições de humanismo aos muçulmanos em Olhar o Mundo. Em: A. Mateus, ed. Lisboa: Marcador, pp. 29-39.

- Sagan, C., 1996. *Pálido Ponto Azul*. Lisboa: Companhia das Letras.
- Sea Battle, O., 2013. *The Air-Sea Battle Concept*. Washington: Joint Staff USA.
- Stockholm, Resilience Centre, 2015. *The nine planetary boundaries*. [Online]  
Available at: <http://www.stockholmresilience.org/research/planetary-boundaries/planetary-boundaries/about-the-research/the-nine-planetary-boundaries.html>  
[Acedido em 22 setembro 2017].
- Stratford, D., 2016. *Ghost Fleet—A Novel of the Next World War, CIA*. [Online]  
Available at: <https://www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/csi-publications/csi-studies/studies/vol-60-no-1/ghost-fleet.html>  
[Acedido em 27 Outubro 2017].
- Telo, A. J. & Pires, N. L., 2013. *Conflitos e Arte Militar na Idade da Informação (1973-2013)*. Lisboa: Tribuna da História.
- Tilghman, A., 2016. *More U.S. troops deploying to Europe in 2017*, *Military Times*. [Online]  
Available at: <https://www.militarytimes.com/2016/02/02/more-u-s-troops-deploying-to-europe-in-2017/>  
[Acedido em 27 Outubro 2017].
- Tomé, L., 2017. Ao olhar o mundo futuro. Em: A. Mateus, ed. *Olhar o Mundo*. Mateus, António ed. Lisboa: Marcador, pp. 177-182.
- Tyson, N. d. G., 2017. *Astrophysics for people in a hurry*. New York: W.W. Northan & Company.
- Viçosa, C. M. d. V., 2017. *Visitar Vila Viçosa*. [Online]  
Available at: <http://www.cm-vilavicoso.pt/pt/visitar>  
[Acedido em 5 agosto 2017].
- Watson, N., 2017. *No futuro, vamos ter amigos robôs. E isso é uma coisa boa*, *Observador*. [Online]  
Available at: <http://observador.pt/especiais/entrevista-nell-watson/>  
[Acedido em 22 agosto 2017].
- WMO, 2017. *WMO Statement on the State of the Global Climate in 2016*, Geneva: World Meteorological Organization.
- Wuebbles, D., David, F. & Hibbard, K., 2017. *CLIMATE SCIENCE SPECIAL REPORT (CSSR)*, Washington: U.S. GLOBAL CHANGE RESEARCH PROGRAM.

Xavier, A. I., 2017. Cenários e tendências do século XXI. Em: A. Mateus, ed. *Olhar o Mundo*. Lisboa: Marcador, pp. 147-152.